

Sorte ou corrupção?

Carlos Honorato, agosto de 2016.

Políticos e burocratas que viram ricos de uma hora para outra, só e somente só são muito iluminados por alguma entidade divina e conseguem ganhar, com alguma frequência, em sorteios, loterias e coisas parecidas ou são muito corruptos (= roubaram muito!). Esta é uma afirmação que precisaria ser repetida quase diariamente, porque já iniciamos a longa, necessária e difícil mudança cultural e, hoje, já não está mais considerando corrupção como uma coisa natural. Se a economia brasileira está derretendo, se o desempenho oficial já se aproxima de 12%, se os empresários globais estão com receio de investir aqui, se o mercado cambial (e o dólar) enlouqueceu, pois oscila violentamente, se temos aqui, no Brasil, o maior número de obras paradas do mundo (pois nos tornamos especialistas em “aditivos”!) e se a taxa básica de juros é a maior do mundo, que gera, por sua vez, taxas bancárias obscenas, é porque estamos em um país não confiável e essa falta de confiança possui duas origens: corrupção e incompetência. A incompetência não é necessariamente falta de capacidade, pois muitas vezes a incompetência é função do descaso e função da estrutura ineficiente que envolve tanto os políticos como os burocratas. A corrupção, no entanto, é muito pior, porque é cultural e faz parte do nosso DNA. É pior, pois eles, os corruptos, fazem suas negociatas e roubalheiras bem a frente dos nossos olhos e nós ou não vemos (porque não queremos ver!) ou fingimos não ver (porque não queremos ser taxados de “dedo-duro!”).

Dimas Ramalho, membro do Tribunal de Contas Estadual de São Paulo (TCE-SO) é enfático em avisar: “nós estamos mudando essa cultura” e vai mais longe quando afirma que “não vamos aceitar mais obra com aditivo”. Se for verdade e se realmente isso começar a se tornar a regra, estamos diante da maior mudança cultural da gestão pública dos últimos 50 anos.

Dimas propõe, inclusive, que a população civil precisa desenvolver a habilidade de acompanhar a “vida” de políticos e burocratas para identificar “enriquecimento muito rápido e sem origem”. Quando isso acontecer, diz Dimas, é sinal do roubo e corrupção e precisa ser punido de forma exemplar, pois só assim mudamos essa nossa nefasta cultura de tolerância com a corrupção.

Diante destas colocações e em função da proximidade das eleições, seria bom que cada um de nós olhasse para o lado para ver se o nosso vizinho político ou burocrata está dentro dos padrões desejados (= ser “não corrupto!”). Quando olho os representantes gaúchos na capital federal me assunto, pois é difícil não achar os “alvos de Dimas”. A conclusão que chego é que nossos deputados federais, por exemplo, devem ser homens (e mulheres) de muita sorte, pois a maioria possui belas propriedades na Flórida (USA) que devem ter sido compradas com os “prêmios das loterias” ou... Inclusive os antiamericanos de carteirinha possuem apartamentos na Flórida (curioso, não é?). Ou são gente com muita sorte no jogo e nas loterias ou... tem deputado que 15 anos atrás tinha que andar com uma mão na frente e outra atrás porque nada tinha e hoje desfila carros, joias, propriedades, casamentos, ...

O que eu não sei ainda, pois o Dimas não explicou, é se quem tem sorte é que vira deputado e burocrata ou se depois de ser deputado e burocrata é que vem a “sorte”. Vou estudar um pouco mais o caso e depois eu conto o resultado! Sim,... pois se não for assim é porque a sorte possui outro nome: corrupção!